

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

“Imigrantes na cidade”: contributos da identidade de lugar, do sentimento psicológico de comunidade e do território de residência para o bem-estar subjetivo

Mónica Andreia Leite Correia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador(a):

Professora Doutora Joana Alexandre, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

outubro, 2015

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

“Imigrantes na cidade”: contributos da identidade de lugar, do sentimento psicológico de comunidade e do território de residência para o bem-estar subjetivo

Mónica Andreia Leite Correia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador(a):

Professora Doutora Joana Alexandre, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

outubro, 2015

“we must fit the city to man’s needs rather than fit man to the city’s needs”.

(Weinstein, 1980, p.98)

Agradecimentos

A realização desta investigação não poderia ter sido possível sem a colaboração e o apoio condicional de todos que me acompanharam nesse processo.

À Professora Doutora Joana Alexandre, pela orientação e pela partilha de conhecimento. Por ter alargado a minha curiosidade nesta área e pela disponibilidade e dedicação neste processo.

A todos aqueles que me apoiaram na recolha de dados, às entidades locais e voluntários das mesmas, que dedicaram o seu tempo para alcançar o número de participantes que se pretendia.

A todos os participantes pelo tempo que disponibilizaram e pela partilha de experiências que me fez crescer profissionalmente e como pessoa.

À Irina, por estar comigo neste percurso, pelas horas de estudo em conjunto e, acima de tudo, pelo apoio incansável, sem o qual não teria concluído esta etapa.

Aos meus pais por me terem permitido estudar e me terem apoiado, e às minhas irmãs pela força e pelo carinho.

Ao Fred pela paciência de tantas tardes e noites de trabalho, pela leitura atenta e pelo amor incondicional.

Muito obrigada a tod@s.

Resumo

A presente investigação explora de que forma o tipo de território no qual os imigrantes de origem africana residem, bem como a identidade de lugar (IL) e o sentimento psicológico de comunidade (SPC), contribuem para o bem-estar subjetivo dos mesmos. Para o efeito, foi conduzido um estudo quantitativo com 100 imigrantes de origem africana residentes em dois tipos de territórios da área metropolitana de Lisboa, com características sociais e económicas diferentes: um situado na periferia, mais homogéneo, a nível sociocultural e socioeconómico (território A), e outro situado no centro da cidade de Lisboa e caracterizado por uma maior heterogeneidade a um nível sociocultural e socioeconómico (território B). Os resultados sugerem que as três variáveis, em conjunto (território onde os participantes residem, IL e SPC), contribuem significativamente para o bem-estar geral dos imigrantes. Ainda, é no território A, por comparação com o B que a satisfação com as relações pessoais e com o sentimento de pertença à comunidade é maior; enquanto no território B a satisfação com a saúde, com a segurança no local de residência e com a espiritualidade/religião é maior do que no território A. Conclui-se também que o SPC contribui para explicar a felicidade subjetiva. Devido ao papel importante que as populações imigrantes têm tido no crescimento urbano, este tipo de estudos é importante, pois produzem informação sobre esta população que pode ser utilizada no desenvolvimento de projetos mais sustentáveis nas cidades, cada vez mais diversificadas culturalmente.

Palavras-chave: Bem-estar Subjetivo; Identidade de Lugar; Sentimento Psicológico de Comunidade; Território; Imigrantes de Origem Africana

PsycINFO Classification Categories and Codes

3373 – Comunidade e Serviços Sociais

3365 – Promoção e Manutenção da Saúde e Bem-estar

Abstract

The present investigation explores the way that the territory, in which african immigrants reside, as well as the place identity (PI) and the psychological sense of community (PSC), contributes to their subjective well-being. For this purpose, a study took place in two socially and economically different territories from the metropolitan area of the city of Lisbon, involving a total of 100 african immigrants: one in the suburbs socioculturally and socioeconomically homogeneous (Territory A) and the other, lying in the center of the city of Lisbon, socioculturally and socioeconomically heterogeneous (Territory B). The results suggest that all of the variables (Territory, PI and PSC) contributes significantly to the immigrants general well-being. Furthermore, in Territory A, the satisfaction with personal relationships and the sense of belonging are higher, compared to Territory B, whereas in Territory B the satisfaction with health, safety of the place of residence and spirituality/religion are higher than in Territory A. It is also conclusive, that the PSC helps to understand subjective happiness.

Considering the relevant role immigrants have had in urban growth and development, it is important to conduct this kind of studies, in order to retrieve viable information about this population and then apply it in the development of more sustainable initiatives in our increasingly multicultural cities.

Key-words: Subjective well-being; Place Identity; Psychological Sense of Community; Territory; african Immigrants

PsycINFO Classification Categories and Codes

3373 – Community and Social services

3365 – Promotion & Maintenance of Health & Wellness

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico	4
1.1 Contexto histórico da Imigração em Portugal	4
1.1.1 Caracterização atual das comunidades imigrantes em Portugal	5
1.2 Bem-estar subjetivo nas comunidades imigrantes	6
1.3 Identidade de Lugar: conceptualização e relação com o bem-estar subjetivo ...	7
1.4 Sentimento Psicológico de Comunidade: conceptualização e relação com o bem-estar subjetivo	10
1.5 Territórios e Bem-estar subjetivo	13
1.6 Objetivos do Estudo	14
Capítulo II. Metodologia	15
2.1 Participantes	15
2.2 Instrumentos	16
2.3 Procedimentos	19
Capítulo III. Resultados	20
3.1 IL, SPC, Território e Bem-estar subjetivo	21
Capítulo IV. Discussão e Conclusões	23
Referências Bibliográficas.....	28
Anexos	35

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Médias e Desvios-Padrão das variáveis SPC, IL e BES..... 20

Glossário de siglas

BES – Bem-estar subjetivo

IL – Identidade de Lugar

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SPC – Sentimento Psicológico de Comunidade

Introdução

Nas sociedades dos dias de hoje, torna-se cada vez mais urgente conhecer os fenómenos migratórios e o impacto destes não só nos países que os acolhem, mas também a um nível mais local (e.g., cidades). Esta é, na verdade, uma questão que está na ordem do dia, tendo em conta os fluxos de refugiados que têm chegado à Europa sobretudo no último ano.

Portugal é um país de perfil intensamente migratório que, além de ter uma história de emigração, tem vindo acolher, de igual forma, um número elevado de imigrantes que vem à procura de melhores condições de vida e de trabalho. Esta realidade está presente na maioria dos estados membros da União Europeia e, como resultado, a Estratégia 2020 procura dar resposta aos fluxos migratórios existentes na Europa, através da definição de estratégias¹ que permitam uma integração mais plena das populações imigrantes e das minorias étnicas no quadro Europeu.

Face ao exposto, organizações e entidades internacionais e nacionais procuram, habitualmente, caracterizar estes fluxos migratórios. No geral, esse levantamento tem sido, assim, efectuado por entidades tão diversas como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a Direção-Geral de Estatística da Comissão Europeia (EUROSTAT), o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), o Instituto Nacional de Estatística (INE), o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), entre tantas outras (Oliveira & Gomes, 2014). Este tipo análise pretende apenas compreender estatisticamente se os indivíduos estão integrados socialmente em organismos estatais.

Os dados mais recentes mostram que em 2014 residiam em Portugal 390.114 mil cidadãos estrangeiros provenientes sobretudo de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial e Moçambique (INE | SEF/MAI, PORDATA, 2015).

Considerando o contexto particular da área metropolitana de Lisboa, alguns indicadores apontam para o facto de, apesar da crise económica que se faz sentir, haver um aumento da população estrangeira, em contraponto com o panorama nacional.

¹Consultar o Plano Estratégico para as Migrações (2015-2020) no site <http://www.acm.gov.pt/-/plano-estrategico-para-as-migracoes-pem->

De facto, através de fontes do SEF de 2014, constata-se que o distrito de Lisboa concentrava mais de metade dos estrangeiros em Portugal neste período, com 176.927 mil residentes (69,3%). A situação atual que se faz sentir na capital gera dinâmicas locais nos territórios onde as pessoas habitam e, em alguns bairros do centro da cidade, observa-se uma fixação de imigrantes não europeus e uma nobilitação urbana, o que tem conduzido a uma maior diversificação cultural e étnica (Malheiros, Carvalho & Mendes, 2012).

Na literatura é possível identificar estudos que têm procurado estudar fatores de risco e proteção associados à integração de imigrantes, mas estes têm-se focado mais em variáveis individuais, como a entidade étnica e a língua nativa (eg., Leong, Park, & Kalibatseva, 2013) e familiares, como a coesão familiar e menos em variáveis da comunidade, como a localização geográfica ou a densidade populacional (Pretty, Bishop, & Fisher, 2006). Segundo Dixon, Tredoux, Durrheim, Finchilescu, Clack (2008), a investigação a um nível macro pode ser útil quando complementada com pesquisas realizadas a um nível mais micro, tendo como objetivo analisar as dinâmicas existentes no dia-a-dia dos indivíduos

Perante este cenário, importa perceber de que forma os territórios podem influenciar a integração destas comunidades e mapear que variáveis contribuem para o bem-estar subjetivo (BES) desta população. O BES é um aspeto que pode favorecer a forma como nos vemos a nós próprios e às outras pessoas, o que pode potenciar um maior prazer em vivenciar as situações do quotidiano e o relacionamento com os nossos pares (Passareli, P., & Silva, J., 2007). Nesse sentido, pode ser também um fator que contribui para uma melhor integração das comunidades imigrantes.

Segundo Kaplan e Chacko (2015), a integração dos imigrantes na nova sociedade, depende do local onde vão viver. E, do ponto de vista de Prilleltensky (2008), o bem-estar individual depende diretamente das relações pessoais e da comunidade onde o indivíduo reside. O estudo sobre os sentimentos que os indivíduos desenvolvem em relação a lugares com significado nas suas vidas, tem vindo a ser desenvolvido através do conceito de identidade de lugar (IL). A IL é definida como uma componente da identidade individual, construída num processo que se estabelece através de uma interação com os lugares, que permite que os indivíduos se descrevam a si próprios em termos de pertença a um lugar específico (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace & Hess, 2007).

Neste âmbito, importa também compreender o constructo de sentimento psicológico de comunidade (SPC). Este conceito define-se por um sentimento de pertença, pela presença de uma influência mútua entre os membros, de uma satisfação das necessidades e de uma partilha emocional com os outros membros do grupo, que o indivíduo tem em relação a uma

determinada comunidade (Brotsky & Marx, 2001). Estudos realizados demonstram que a existência de um SPC indica uma orientação positiva que mantém e fortalece a comunidade (Dalton *et al.*, 2007) e Davidson e Cotter (1991), concluíram que está significativamente relacionado com o bem-estar subjectivo (BES) dos indivíduos. Algumas pesquisas (Davidson & Cotter, 1991) encontraram uma relação significativa entre o SPC e o BES em três territórios de diferentes dimensões, apesar de essa relação ser mais fraca no território de maior dimensão. Por sua vez, Prezza e Constantini (1998) encontraram uma relação entre o SPC e a satisfação com a vida, a auto-estima e a percepção de suporte social em três territórios, também de dimensões diferentes, no entanto essa relação deixa de ser significativa no de maior dimensão.

Apesar da importância destas variáveis para o BES dos indivíduos, não parece existir na literatura científica, estudos que analisem simultaneamente a IL e o SPC em territórios diferentes com comunidades imigrantes e de que modo estas variáveis contribuem para o bem-estar das mesmas. Considera-se pertinente realizar este tipo estudos, uma vez que torna-se possível compreender que variáveis devem ser tidas em conta no planeamento de projetos municipais, mas também no planeamento de projetos de integração dos imigrantes.

Face ao exposto, o presente estudo procura explorar de que forma estas variáveis (IL, SPC e território de residência) contribuem para o BES de indivíduos imigrantes e de origem africana, em particular.

O presente estudo encontra-se estruturado em quatro capítulos: no primeiro capítulo é feito um enquadramento teórico, através de uma revisão de literatura das variáveis em análise e das relações entre as mesmas; no segundo, é descrito o método utilizado, que contempla a forma de seleção e a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados para a recolha de dados e a descrição de como foram aplicados e as análises estatísticas utilizadas; no terceiro capítulo apresentam-se os resultados mais importantes decorrentes da análise estatística efetuada; no quarto e último capítulo apresenta-se a discussão dos resultados, com referência às limitações do estudo, às sugestões para futuras investigações e às principais conclusões.

Capítulo I. Enquadramento teórico

1.1 Contexto histórico da Imigração em Portugal

Até meados dos anos 70 do século passado, Portugal foi um país de emigração, havendo assim mais pessoas a sair do que a entrar no território português. Foi no período a seguir ao 25 de Abril de 1974 que surgiu o primeiro fenómeno imigratório. Várias foram as causas que provocaram este acontecimento, tais como, o processo de descolonização, a mudança da lei da nacionalidade e o retorno dos portugueses que viviam nos países africanos (Oliveira & Gomes, 2014). A partir de meados dos anos 80, a imigração ganha uma natureza laboral e passa a acolher, principalmente, imigrantes provenientes de Cabo Verde e, posteriormente, dos restantes países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), especialmente de Angola e da Guiné-Bissau (Machado, 1997). Abre-se, deste modo, um ciclo de imigração liderada pela comunidade africana. A facilidade na nacionalização e a facilidade na comunicação (através do uso da mesma língua) influenciam na escolha de Portugal como país de acolhimento para os imigrantes provenientes destes países.

Ainda na segunda metade da década de 80, após a adesão de Portugal à Comunidade Europeia em 1986, começam a chegar imigrantes oriundos do Brasil e Índia. Nesta época, as comunidades PALOP e os imigrantes brasileiros conseguiam empregos em sectores que não requeriam qualificações profissionais, tal como a construção civil.

Já nos anos 90, para além da receção de imigrantes das então chamadas “ex-colónias”, Portugal passa também a acolher indivíduos provenientes da Europa do Leste e da China Ásia. Segundo Pires (2003), esta foi uma fase marcada pelo surgimento de novas políticas de imigração em Portugal.

No início do século XXI, começa a evidenciar-se uma diminuição de imigrantes em território nacional, devido à contração económica de Portugal mas também pelo número crescente de cidadãos que preenchem os requisitos necessários exigidos para a aquisição da nacionalidade portuguesa (Malheiros et al., 2013). A lei da nacionalidade em vigor nesse período (Lei Orgânica nº2/2006 de 17 de Abril) previa benefícios para os cidadãos PALOP, comparativamente com outras nacionalidades, no que diz respeito à obtenção de cidadania portuguesa, por exemplo, os primeiros precisavam apenas de 6 anos de residência legal, enquanto para os restantes cidadãos estrangeiros era necessário 10 anos. Tal como Rosa, Seabra e Santos (2003) referem, estava-se perante “*um princípio de discriminação positiva*”

relativamente aos cidadãos oriundos de países lusófonos, que reduz em 40% o requisito relativo ao tempo mínimo obrigatório de permanência legal em território nacional” (p.35).

1.1.1 Caracterização atual das comunidades imigrantes em Portugal

A imigração é considerada como um fenómeno dinâmico que carece de uma atualização constante, em termos de dados estatísticos, sobre a população estrangeira. Para além disso, existem alguns detalhes que não permitem que essa informação seja a mais fidedigna possível. Como por exemplo, o facto da caracterização demográfica da população de nacionalidade estrangeira contemplar apenas dados referentes à população estrangeira residente em Portugal e não à população imigrante com nacionalidade estrangeira (Peixoto, 2008).

Assim, apesar das limitações que possam existir na recolha de dados estatísticos sobre estas populações, em 2014, encontravam-se em território nacional 390.114 mil cidadãos estrangeiros, dos quais 153.937 mil provenientes da Europa (Moldávia, Roménia, Ucrânia e Reino Unido), 98.948 mil de origem africana (Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), 94.392 mil oriundos do continente americano (principalmente do Brasil), e os restantes 42.492 mil provenientes da Ásia, maioritariamente da China (INE | SEF/MAI, PORDATA, 2015). Ao nível da distribuição geográfica da população estrangeira residente, podemos constatar que a mesma incide especialmente no litoral do país.

Apesar do cenário nacional, em 2013 verificou-se uma redução da representatividade da população estrangeira oriunda de países de língua oficial portuguesa, evidenciando-se essa descida nos indivíduos com as seguintes nacionalidades: brasileira, cabo-verdiana e angolana. As alterações na lei da nacionalidade, facilitando a aquisição da nacionalidade portuguesa, foi um dos principais fatores que justificaram este decréscimo. Neste sentido, em 2014 o SEF emitiu 6.398 mil pareceres formulados por cidadãos de nacionalidade brasileira e 14.164 mil pareceres formulados por cidadãos de origem africana, nomeadamente, 4.697 mil de nacionalidade cabo-verdiana, 2.752 mil de nacionalidade guineense-Bissau e 2722 mil de nacionalidade angolana. A obtenção da nacionalidade portuguesa por parte de cidadãos de origem africana pode potenciar a vinda de mais imigrantes oriundos dos PALOP.

1.2. Bem-estar subjetivo e comunidades imigrantes

O bem-estar subjetivo carece de uma única definição. No entanto, a maioria dos investigadores concorda que o BES tem duas dimensões: uma cognitiva e uma afetiva (Galinha, 2010).

Segundo Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), o BES é considerado como uma categoria ampla de fenómenos, que inclui respostas emocionais pessoais, a satisfação relacionada com diferentes domínios e julgamentos gerais da satisfação com a vida.

Segundo Diener (1984), a avaliação do nível da satisfação com a vida que cada pessoa faz depende daquilo que o indivíduo pensa ser um padrão adequado na sociedade onde vive. Portanto, centra-se nos próprios julgamentos individuais e não em critérios delimitados pelo investigador. Deste ponto de vista, quanto mais próxima estiver a perceção de realização pessoal do padrão de referência do indivíduo, maior será a sua satisfação com a vida. O nível individual de BES aumenta se uma pessoa experienciar mais vezes sentimentos de satisfação com a vida e emoções positivas, contrariamente, o nível individual de BES diminui se houver uma maior frequência de emoções negativas (como tristeza e agressividade).

Enquanto a Satisfação com a Vida avalia uma dimensão mais global, a Satisfação com a Vida em Domínios específicos analisa dimensões mais restritas e mais específicas (Galinha, 2010). Alguns dos domínios comuns aos vários estudos, são: família, amigos, escola/trabalho, autoconceito e contexto ambiental (Park, 2001); relações íntimas, vida social, finanças, escolaridade e preocupações pessoais com a vida (Hong & Giannakopoulos, 1995); vida familiar, estatuto financeiro e trabalho, bem-estar geral, saúde mental e global (Fountoulakis, et al., 1997); e intimidade, produtividade, bem-estar material, saúde, segurança, comunidade e bem-estar emocional (Cummins, 1996).

O BES é muitas vezes designado de felicidade (Diener, 2000; Seligman, 2004). Segundo Veenhoven (1997), a felicidade define-se como a forma como a pessoa avalia a qualidade da sua vida, nomeadamente, do quanto a pessoa gosta da vida que leva. Lyubomirsky e Lepper (1999) afirmam que a felicidade consiste numa avaliação subjetiva que a pessoa faz (i.e., se é feliz ou infeliz).

O BES é considerado um bom indicador para compreender as consequências psicológicas das experiências de migração, uma vez que se refere à avaliação que o indivíduo faz sobre a sua própria vida (Werkvyyten & Nekuee, 1998). Essa avaliação é influenciada por aspetos pessoais e aspetos sociais existentes na vida do indivíduo. Apesar de Nikolova e Graham (2015) referirem que a migração tem efeitos positivos no bem-estar (uma vez que

permite aos indivíduos escapar da falta de oportunidades no seu país de origem), tradicionalmente existe a tendência para os imigrantes experienciarem níveis mais baixos de auto-estima e um maior número de eventos stressantes nas suas vidas (Slonim-Nevo, Sharaga, Mirsky, Petrovsky & Borodenko, 2006). Os imigrantes separam-se de pessoas e lugares aos quais estão habituados, com a contrapartida de encontrar um novo trabalho, construir uma nova vida social e conjugar a sua identidade cultural com uma nova cultura (Hovey & Magan, 2002). Neste sentido, o nível de BES dos imigrantes vai ser condicionado por fatores internos mas também por fatores externos característicos do fenómeno da imigração.

Para além destes, outros autores procuraram estudar a relação entre a imigração e o BES. Alguns estudos avaliam fatores sociais, como Amit e Litwin (2010) e Neto (2001), que evidenciaram a importância das redes sociais do país de acolhimento no BES; Beier e Kroneberg (2013), que estudaram o impacto das barreiras linguísticas nas sociedades de acolhimento e constataram que as mesmas afetam negativamente o BES nas primeiras e segundas gerações de imigrantes; e Neto (2001) afirma que os imigrantes que vivem em bairros etnicamente homogêneos reportam um nível maior de satisfação com a vida, do que aqueles que vivem em bairros heterogêneos.

1.3. Identidade de Lugar: conceptualização e relação com o bem-estar subjetivo

Para se compreender a identidade de lugar, importa em primeiro lugar, compreender o conceito de lugar. Na literatura, os lugares têm vindo a ser compreendidos como localizações (Cresswell, 2004), como concentrações de relações e práticas sociais (Keams & Gesler, 1998), como zonas de experiências (Wilson, 2003). Segundo Lengen e Kistemann (2012), estes fatores influenciam a nossa forma de pensar, a nossa consciência, a nossa estrutura social, a nossa saúde e o nosso bem-estar.

O termo lugar começou a ser utilizado nos anos 60 e 70 do século passado, devido aos processos de realojamento dos indivíduos. Segundo Fried (1963), o realojamento em grande escala provoca o desmantelamento das comunidades e a rutura das redes de suporte sociais, o que para alguns autores significa a principal causa da perda de lugar. No início dos anos 80, a literatura sobre este conceito centrou-se na transformação das relações de vizinhança urbanas, principalmente, na substituição do tipo de habitação, uma vez que houve um reconhecimento da falta de participação das comunidades ao nível das decisões de projeto e planeamento (Speller, 2005). Segundo Sime (1986), é através do envolvimento no processo de projeto e na

apropriação dos espaços que qualquer espaço se torna ou passa a ser um lugar para os seus residentes.

Atualmente, a investigação tem sido direcionada para o estudo da identidade de lugar e da vinculação ao lugar, com o objetivo de explicar a interação social que ocorre entre os indivíduos e os locais onde estes residem (Speller, 2005).

O conceito de identidade de lugar tem vindo a ter um papel importante na Psicologia social do Ambiente devido ao interesse pelo lugar onde as pessoas residem e pelo vínculo existente entre o lugar e a pessoa, uma vez que o lugar é uma componente fundamental da identidade pessoal de cada indivíduo (Proshansky, Fabian, & Karminoff, 1983; Lalli, 1992).

Segundo Van der Ven (1978) e Sime (1986), o conceito de lugar remete para a dimensão da relação que existe entre o indivíduo e o ambiente físico que leva à evocação de sentimentos de pertença (citados por Speller, 2005).

Desde os anos 70, diferentes investigadores tentaram integrar o conceito de lugar num modelo da identidade e concluíram que o lugar é mais do que um contexto e faz parte integrante do processo identitário (Speller, 2005). A identidade de lugar pode ser, assim, definida como um vínculo afetivo entre a pessoa e um lugar específico (Hidalgo & Hernández, 2001). Para Proshansky e colaboradores (1983), este conceito é definido como:

“uma subestrutura da auto-identidade de uma pessoa que em termos gerais é composta por cognições acerca do mundo físico no qual o indivíduo vive. Estas cognições integram memórias, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, significados e conceções do comportamento e da experiência relacionadas com a variedade e complexidade dos contextos físicos que definem a existência quotidiana de todo o ser humano. No centro desta associação, entre as componentes físicas ambientais e as cognições situa-se o passado ambiental da pessoa; um passado que consiste em lugares, espaços, e suas propriedades que serviram instrumentalmente para a satisfação das suas necessidades (biológicas, psicológicas, sociais e culturais)” (p.59).

Segundo Buttimer (1980), a identidade de lugar desenvolve-se no decorrer das atividades realizadas, em casa ou na sua envolvência, e afirma a necessidade de um equilíbrio entre o lar e o ambiente envolvente, onde o indivíduo vive para que possa existir uma identidade pessoal e um bem-estar emocional (citado por Lengen & Kistemann, 2012). Uma das sub-estruturas da identidade de um indivíduo baseia-se no conhecimento que este tem sobre o mundo físico onde vive, que contempla memórias, sentimentos, atitudes, valores e, preferências (Lengen & Kistemann, 2012). Para outros autores (Hay, 1998; Uzzell, Pol & Badenas, 2002), a identidade de lugar refere-se à conceção do *self* que foi construída com

base no local onde o indivíduo pertence e incorpora elementos relacionados com a imagem pública daquele lugar. Neste sentido, o conjunto de cognições que compõem a identidade de lugar, dependem, não só da qualidade física do ambiente e da qualidade das características sociais associadas com esse ambiente, mas também da capacidade que o indivíduo tem para se adaptar ao ambiente ou para transformá-lo (Giuliani, 2003).

Apesar das diferentes definições de identidade de lugar incluírem os afetos pessoais, não houve uma preocupação em estabelecer uma relação entre as ligações emocionais ao lugar. Neste sentido, diversos autores procuraram estudar não só a identidade de lugar mas também a vinculação ao lugar procurando compreender quais as características que os diferenciam mas também qual a direção da causalidade entre estes dois conceitos. Assim, a investigação procura compreender se a pessoa tem de se identificar primeiro com o lugar antes de estabelecer uma vinculação ou se o laço emocional com o lugar é indutor da identidade de lugar (Speller, 2005).

Ao longo dos anos, vários os estudos têm procurado definir o conceito de vinculação ao lugar. Segundo Giuliani (2003), define-se como um laço vinculatório em relação à casa e/ou a objetos que traduzem um bem-estar quando está presente e um estado de desamparo quando está ausente. Esta definição revela que este vínculo tem um impacto significativamente positivo no bem-estar individual mas não contribui para a explicação da causalidade entre os conceitos. No entanto, Proshansky e colaboradores (1983) utilizaram outro termo para a vinculação ao lugar – denominando de “pertença de lugar” – e definem que esta ocorre apenas naqueles indivíduos cuja identidade de lugar envolve cognições positivamente valorizadas em relação a um determinado contexto. Tal, indica que, para estes autores, é necessária a existência de uma identidade de lugar para uma posterior pertença ao local e que para haver vinculação tem de existir em primeiro lugar uma identificação positiva. Outra definição sobre vinculação de lugar indica que o laço emocional, criado a partir da interação com o espaço físico, é composto por duas componentes interligadas: o passado interaccional e potencial interaccional, sendo a primeira definida pelas experiências passadas associadas a um local e a segunda por expectativas relacionadas com o futuro (Milligan, 1998). Em parte, esta definição coloca a tónica nas memórias do indivíduo em relação ao contexto ambiental como contributo para a criação de uma vinculação ao lugar.

Do ponto de vista psicológico e social, a IL demonstra de que forma os lugares possuem significado pessoal, social e cultural e de que modo constituem quadros significativos em que a identidade é construída, mantida e transformada. As propriedades estruturais da identidade de lugar variam com a idade, o sexo, o estatuto social, a

personalidade entre outras características sociais do indivíduo, e a mesma será modificada ao longo da sua vida (Proshansky et al., 1983).

O modo como os imigrantes organizam as suas vidas e a forma como se integram na comunidade local, pode ser diferente consoante o território onde vão viver (Kaplan & Recoquillon, 2015). Apenas através de uma interação com um novo lugar é que se torna possível a construção de uma nova IL.

O modo como os indivíduos percebem e experienciam o lugar, pode ser um dos principais fatores para explicar o bem-estar (Uzzell & Moser, 2006). Alguns estudos empíricos realizados em bairros, mostraram que o sentimento de estar em casa está intrinsecamente ligado com uma sensação de bem-estar (Moser, Ratiu, Fleury-Bahi, 2002).

Rollero e Piccoli (2010) desenvolveram um estudo para explorar a relação entre vinculação ao lugar e as cinco dimensões de bem-estar social (integração social, aceitação social, contribuição social, atualização social, coerência social) em dois contextos diferentes, um de dimensão mais pequena e outro de maior dimensão. Os autores concluíram que a vinculação ao lugar, dos residentes do território de maior dimensão, influencia as cinco dimensões do bem-estar social; enquanto no território de menor dimensão, a vinculação ao lugar, influencia apenas três dimensões, integração social, aceitação social e coerência social (o que indica uma falta de compreensão do mundo envolvente).

Apesar de alguns estudos apontarem para a relação entre vinculação ao lugar e bem-estar, a literatura parece ser escassa ou inexistente no que diz respeito à relação entre identidade de lugar nos imigrantes de origem africana e o BES.

1. 4 Sentimento Psicológico de Comunidade: conceptualização e relação com o bem-estar subjetivo

O sentimento psicológico de comunidade é considerado um dos conceitos mais investigados na Psicologia Comunitária (Tartaglia, 2006). Este conceito foi apresentado por Sarason em 1974, que o definiu como:

“a percepção de semelhança com os outros, o reconhecimento da interdependência com os outros, a vontade de manter essa interdependência , dando ou fazendo pelos outros o que se espera deles, o sentimento que se é parte duma estrutura estável, da qual se pode depender” (p.157).

Sarason (1974) acrescenta, ainda, que a existência do SPC previne que os indivíduos experienciem sentimentos de solidão e desenvolvam estilos de vida destrutivos, o que torna a promoção do mesmo, uma questão fulcral dentro das comunidades.

Mais tarde McMillan e Chavis (1986) definem este constructo como

“um sentimento de pertença que os membros possuem, de que os membros se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos” (p. 9).

Esta definição indica que o SPC é composto por quatro componentes específicos: o estatuto de membro ou pertença; a influência; integração e satisfação de necessidades; e ligações emocionais partilhadas. Apresenta-se, de seguida, a definição de cada um destes componentes.

O Estatuto de Membro ou Pertença, que consiste num sentimento de investimento para fazer parte de uma comunidade e, por isso, ter o direito de fazer parte da mesma (Aronson & Mills, 1959; Buss & Portnoy, 1967). Este elemento é constituído por cinco atributos que se articulam de forma a identificar quem pertence e quem não pertence à comunidade: (1) *Limites ou Fronteiras*, que fornecem aos membros uma segurança emocional que lhes permite expor as suas necessidades e sentimentos num ambiente de intimidade; (2) *Segurança Emocional*, que resulta dos limites estabelecidos que fornecem estrutura e segurança que permite proteger a intimidade do grupo; (3) *Sentimento de Pertença e de Identificação*, que compreende o sentimento, a crença e a expectativa que a pessoa faz parte do grupo e que é aceite por ele; (4) *Investimento Pessoal*, que se relaciona com o contributo que cada pessoa oferece à comunidade, o que tornará o vínculo entre os seus membros mais significativo e valioso; (5) e o *Sistema de Símbolos Comuns*, que tem como função criar e manter o SPC, na medida em que estabelece os limites da comunidade e define quem dela faz parte, criando uma distância social entre membros e não membros.

A Influência diz respeito a um processo bidirecional, onde os membros exercem poder sobre a sua comunidade e, reciprocamente, a comunidade exerce poder sobre os seus membros. Por um lado, o indivíduo sente-se atraído pelo grupo se tiver alguma influência naquilo que o grupo faz (Peterson & Martens, 1972; Zander & Cohen, 1955); por outro, a coesão do grupo depende da influência que o mesmo tem sobre os seus membros (Kelley & Volkart, 1952; Kelley & Woodruff, 1956).

A Integração e Satisfação de Necessidades consiste no sentimento que os membros de cada comunidade têm de que as suas necessidades são satisfeitas, através dos recursos disponibilizados, mantendo assim o sentimento de união de grupo.

Por último, as Ligações Emocionais Partilhadas são um elemento que se baseia numa história partilhada. No entanto, não significa que os membros do grupo tenham participado na mesma, de modo a poder partilhá-la, mas têm que se identificar com ela (McMillan & Chavis, 1986). As interações entre os elementos em eventos comuns podem facilitar ou inibir a força da comunidade. As comunidades tornam-se mais coesas se poderem oferecer momentos de interação, se criarem oportunidades para honrar os seus membros, para investir na comunidade e para experienciar uma ligação espiritual entre os membros.

Todos estes elementos contribuem positiva ou negativamente para a criação de um SPC em cada membro dentro da sua comunidade. Segundo Amaro (2007), a ausência de um SPC gera desarticulação e destrói a comunidade, o que indica que a presença desse sentimento mantém e fortalece a comunidade.

Diferentes estudos demonstram que o SPC está relacionado com uma participação ativa na vida da comunidade (Botta, 1994; Chavis & Wandersman, 1990; Davidson & Cotter, 1989, 1997) e com o bem-estar subjectivo (Davidson & Cotter, 1991; Pretty, Andrewes & Collett, 1994; Pretty, Conroy, Dugay, Fowler & William, 1996; Prezza & Constantini, 1998), havendo alguns autores que consideram que se trata de um indicador subjectivo da qualidade de vida (Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001).

Num estudo desenvolvido por Davidson e Cotter (1991) foi possível verificar que existe uma relação significativa entre o SPC e o BES em adultos que estavam a residir em dois territórios diferentes (um dos territórios possuía uma extensão de cerca de 136 mil quilómetros quadrados com 4,802,740 habitantes; e outro com cerca de 83 mil quilómetros quadrados e 4,625,364 habitantes); nesse mesmo estudo verificou-se também que o SPC melhora o sentimento de bem-estar pessoal, aumenta a felicidade e diminui as preocupações do indivíduo. Outro estudo que pretendia comparar o SPC em diferentes territórios, foi realizado por Prezza e colaboradores (1998). Neste estudo foram considerados três territórios – o primeiro, um típico bairro muito próximo do centro da cidade, que se encontrava densamente povoado com cerca de 28,000 habitantes; o segundo encontrava-se a 21 quilómetros da capital com cerca de 17,000 habitantes e por estar próximo da capital tinha sofrido um excessivo crescimento urbanístico, tornando-se, assim, num subúrbio onde a maioria das pessoas saía diariamente para a capital para trabalhar; e o terceiro, uma pequena cidade localizada a 100 quilómetros da capital do país, com cerca de 39,000 habitantes,

conhecida mundialmente por ter uma arquitetura medieval e organizar eventos culturais, particularmente, um festival de Teatro. Os autores obtiveram diferentes resultados tendo em conta o tipo de território estudado: no terceiro território observou-se uma relação entre o SPC e a satisfação com a vida, a autoestima e o suporte social percebido; no segundo território observou-se que o SPC estava relacionado apenas com a satisfação com a vida; enquanto no primeiro, não foi possível observar nenhuma relação entre o SPC e as variáveis supracitadas. Os autores concluíram que quanto mais pequeno e mais homogêneo fosse o território maior seria o SPC.

1. 5 Territórios e Bem-Estar Subjetivo

Compreender o território e as dinâmicas territoriais é um aspeto fundamental para a atividade social, uma vez que é um elemento primordial para a organização espacial e social, económica, política e cultural (Ayala, 2015). De uma forma simples, o território refere-se a uma fração de espaço terrestre, ocupada por uma pessoa, grupo ou instituição (Paasi, 2003).

Segundo Ayala (2015), o território é uma entidade espacial que potencia as estruturas sociais como, a autoridade, a identidade, os direitos, as aspirações, os preconceitos, entre muitos outros.

Muitas das áreas das ciências sociais têm tido, cada vez mais, uma preocupação em perceber as conexões existentes entre o indivíduo e as configurações contextuais do território. Tem havido um particular interesse no campo da saúde, nomeadamente, sobre o impacto dos fatores do ambiente externo na saúde dos indivíduos (Duncan, Jones & Moon, 1998), e na qualidade de vida das populações.

Segundo Gesler (1999), a estrutura do espaço geográfico e social tem consequências diretas na saúde: por exemplo, a oferta de recursos e a estrutura das relações sociais são fatores cruciais com forte impacto na saúde e bem-estar da população. Assim, a disponibilização de recursos, bem como o suporte social, podem ser fatores facilitadores da qualidade de vida em geral.

A investigação nesta área tem sido realizada, em grande parte, nos espaços urbanos, uma vez que as mesmas têm tido uma grande afluência por parte de população, devido às melhores condições de vida que pode oferecer (Santana, Costa, Santos & Loureiro, 2007).

As características do espaço urbano, nas suas múltiplas dimensões (ambiental, social e económica), bem como as práticas de planeamento urbano, podem afetar positiva ou negativamente o bem-estar das populações, sendo tão ou mais importantes que as

características do indivíduo (Santana, Costa, Santos & Loureiro, 2007). Assim, a saúde e o bem-estar da população são influenciados pelos atributos do lugar ou da comunidade, podendo estes sobrepor-se aos individuais.

Nas grandes cidades tem sido dado um maior enfoque nas questões de planeamento territorial de forma a compreender se a cidade é um fator de aperfeiçoamento ou degradação da vida humana. Desta perspetiva, as questões de ordenamento e planeamento do território ganham um maior peso. Aliás, planear significa identificar que características ambientais podem, potencialmente, determinar o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos.

Ainda, segundo Carvalho (2014), a cidade representa um espaço de oportunidade, com maior probabilidade de oferecer conforto às populações (garantido sustentabilidade económica, serviço e infraestruturas adequadas).

Neste sentido, considera-se que o território pode ter um papel importante no BES dos seus residentes, em geral.

1.5 Objetivos do Estudo

Tendo em conta a revisão de literatura apresentada, a presente investigação visa explorar de que forma o tipo de território no qual os imigrantes residem, bem como a identidade de lugar e o sentimento psicológico de comunidade contribuem para o bem-estar subjetivo dos mesmos.

Capítulo II. Metodologia

Tendo em conta os objetivos desta pesquisa, optou-se por uma metodologia quantitativa.

2.1 Participantes

Participaram neste estudo 100 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 49 anos ($M=26,68$; $DP=8,128$), sendo 62% do sexo masculino ($N=62$) e 38% do sexo feminino ($N=38$).

Os critérios de inclusão na presente investigação foram: serem maiores de idade; terem nacionalidade africana; terem um domínio razoável da língua portuguesa; residirem num dos territórios selecionados para o efeito, que será descrito oportunamente.

Relativamente à nacionalidade, 44 indivíduos têm nacionalidade Cabo-verdiana, 31 Guineense, 14 Angolana, 6 são nacionais de São Tomé e Príncipe e 2 indivíduos do Senegal.

No que diz respeito aos territórios, metade dos participantes reside num dos territórios selecionados (adiante designado por território A) e a outra metade no outro território (adiante designado por território B).

Relativamente ao território A, trata-se de um dos maiores e mais antigos núcleos de população migrante existente na área metropolitana de Lisboa (Horta, 2008). Situa-se num terreno com um declive elevado, abrangendo uma área de cerca de 16,5 ha e é considerado um bairro de génese ilegal que se encontra na periferia da cidade de Lisboa (Mendes, 2008). Foi a partir de 1977 que se iniciaram as construções clandestinas do terreno privado, inicialmente de barracas e edifícios precários que, ao longo dos anos, foram melhorando através da construção de casas de tijolo e da instalação de muitas infra-estruturas, como o saneamento e a recolha de lixo. A população do bairro é, em grande parte, constituída por indivíduos de origem africana e pelos seus descendentes, principalmente, Cabo-verdianos, muitos deles já nascidos em Portugal (i.e., com ou sem nacionalidade Portuguesa). Residem também imigrantes provenientes da Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique. Segundo os Censos de 2011, residem neste espaço 3.900 indivíduos, apesar de haver um número maior de imigrantes se se considerasse os que se encontram em Portugal sem documentação regularizada. Considera-se um território mais homogéneo, quer a um nível sociocultural, quer a nível socioeconómico, do que o território B, que a seguir se descreve. Segundo Malheiros e colaboradores (2007),

“A população do bairro (...), constituída maioritariamente por cabo-verdianos e descendentes, é portadora de uma dinâmica social muito própria que se estrutura em redes informais e que se caracteriza pela densidade e multiplicidade de relações interpessoais” (p.197).

Relativamente ao território B, é considerado um dos principais locais com maior índice de população imigrante. Situado no centro da metrópole da capital, com características urbanísticas e histórias, tem uma área de cerca de 212,8 ha com 31.634 residentes (Censos, 2011). É considerado um território densamente ocupado com o dobro da densidade dos edifícios, alojamentos, famílias e indivíduos por hectare, registado na cidade. Segundo as estatísticas dos Censos de 2011, verifica-se que neste território se encontram a residir 4131 imigrantes que representam 14% da população total imigrante da cidade de Lisboa. Deste número, 27% são descendente de países africanos. Trata-se de um território caracterizado por uma grande heterogeneidade a um nível sociocultural e a nível socioeconómico.

2.2 Instrumentos

Foi utilizada uma bateria composta por quatro escalas de auto-resposta: Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC; escala original de Peterson, Speer & McMillan, 2008; adaptação de Marante, 2010); Escala de Identidade de Lugar (EIL; escala original de Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace, & Hess, 2007; adaptação de Bernardo, 2011); Índice de Bem-Estar Pessoal (IBEP; escala original de Cummins, Eckersley, Van Pallant, Vugt, e Misajon 2003; adaptação de Pais Ribeiro e Cummins, 2008); Escala de Felicidade Subjetiva (EFS; escala original de Lubomirsky e Lepper, 1990; adaptação portuguesa por Pais Ribeiro, 2012). Considerou-se pertinente ter duas escalas de bem-estar subjetivo, dado uma focar-se mais numa componente cognitiva (através do índice de bem estar) e outra numa componente mais afetiva (através da escala de felicidade subjetiva) e, nesse sentido, obter-se informação mais completa em torno do conceito de bem-estar subjetivo.

Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC). A EBSC foi inicialmente desenvolvida por Petersen, Speer e McMillan (2008) e é constituída por oito itens agrupados em quatro dimensões do modelo de McMillan e Chavis (1986): Pertença (e.g. “Sinto-me como membro desta comunidade.”); Influência (e.g. Se quiser posso colaborar com o que se passa nesta comunidade.”); Integração e Satisfação das necessidades (e.g. “Consigo obter o que necessito desta comunidade.”); e Ligações Emocionais Partilhadas (e.g. “ Sinto-me ligado(a) a este bairro.”). Esta escala foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Marante (2010). A escala de resposta está classificada numa escala de Likert de 5 pontos que varia entre 1 (“Discordo fortemente”) e 5 (“Concordo fortemente”). Apresenta uma boa consistência interna (*Alpha de Cronbach*) na versão original ($\alpha = 0,92$) e na versão portuguesa ($\alpha = 0,84$). Neste estudo, a escala obteve uma consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,69$). Para a análise dos dados foi criada uma nova variável – índice de SPC – que consiste na média dos itens desta escala e, portanto, quanto maior for o valor maior será o SPC.

Escala de Identidade de Lugar. Esta escala foi desenvolvida por Hernández et al., (2007) e traduzida e adaptada para a população portuguesa por Bernardo (2011). Neste estudo, utilizamos cinco itens que pretendem analisar a identificação ao lugar onde as pessoas residem (e.g. “Em que medida acha que tem características similares aos residentes deste lugar.”). Os itens são respondidos numa escala de Likert de 9 pontos, variando entre 1 (“Discordo totalmente”) a 9 (“Concordo totalmente”)². Neste estudo, a escala obteve uma consistência interna de 0,51, depois de ter sido retirado o item “Em que medida é que acha que é diferente dos residentes que vivem no território A? /ou que vivem no território B?”. Foi assim, calculado um índice de Identidade de lugar com quatro itens e que corresponde à média dos itens desta escala e, portanto, quanto maior for o valor maior será a IL.

² Não foi possível obter o *Alpha de Cronbach* da escala original.

Índice de Bem-Estar Pessoal (IBEP). O mesmo foi desenvolvido por Cummins e colaboradores (2003), tendo sido traduzida e validada para a população portuguesa por Pais Ribeiro e Cummins em 2008. Esta escala pretende avaliar a satisfação global com a vida e o grau de satisfação em oito domínios diferentes da vida pessoal, sendo esses: o nível de vida; a saúde; o esforço pessoal; as relações pessoais; a segurança no local de residência, o sentimento de pertença à comunidade; a segurança no futuro; e a espiritualidade/religião (e.g. “Qual o grau de satisfação com a sua espiritualidade/religião”). As respostas são obtidas através de uma escala de Likert de 11 pontos, que varia entre 0 (totalmente insatisfeito) e 10 (totalmente satisfeito). No que diz respeito às características psicométricas, a versão original apresenta uma boa consistência interna com um *Alpha de Cronbach* de 0,82 e a versão portuguesa apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,81. Neste estudo, a escala obteve uma boa consistência interna ($\alpha = 0,77$).

Escala da Felicidade Subjetiva (EFS). Esta escala foi desenvolvida por Lubomirsky e Lepper (1990) e foi traduzida e validada por Pais Ribeiro (2012). A escala é constituída por quatro itens que são afirmações, onde dois desses itens pretendem avaliar como o indivíduo se caracteriza a si próprio e em comparação com os seus pares; outros dois itens consistem em descrições de felicidade e de infelicidade, onde a resposta expressa o nível de felicidade ou a sua falta. Nos quatro itens, as respostas são obtidas através de uma numa escala de Likert com 5 opções de resposta que variam entre 1 e 5. No que diz respeito às características psicométricas, na versão original o *Alpha de Cronbach* varia entre 0,79 e 0,94 e a versão portuguesa apresenta um *Alpha de Cronbach* de 0,76. Neste estudo, a escala obteve uma consistência interna de satisfatória ($\alpha = 0,65$).

2.3 Procedimento

Para a recolha de dados contou-se com o apoio de associações locais, quer na divulgação do estudo, quer na tradução, quando necessária, das questões colocadas pela investigadora. Anteriormente à aplicação foi feita uma explanação sobre os instrumentos, de forma a garantir que a tradução fosse o mais fiável possível. Os instrumentos foram sempre aplicados no interior das entidades, de forma a garantir a privacidade e confidencialidade da recolha.

A recolha dos dados ocorreu entre abril e agosto de 2015, tendo sido efetuada de acordo com os princípios éticos e deontológicos da *American Psychological Association* (APA; APA, 2002) e da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP; OPP, 2011). Previamente foi apresentado a todos os participantes um consentimento informado, descrito de forma clara e acessível, com o objetivo do estudo, o procedimento utilizado, a duração prevista de aplicação; a confidencialidade dos dados, o carácter voluntário da participação e a possibilidade de desistência a qualquer momento da aplicação.

Todas as escalas foram aplicadas presencialmente pela investigadora, tendo uma duração média de aplicação de aproximadamente 20 a 25 minutos.

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi realizado através do programa IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.

Capítulo III. Resultados

Antes de serem apresentados os resultados em função dos objetivos delineados para a presente pesquisa, apresenta-se um conjunto de análises descritivas sobre as variáveis centrais em análise. Tal como se pode constatar pela Tabela 1, em termos gerais os participantes apresentam um SPC e uma IL moderados, e no que diz respeito à percepção de bem-estar, podemos afirmar que os participantes apresentam uma boa satisfação com a vida, em geral e nos oito domínios em questão, e um nível elevado de felicidade subjetiva.

Tabela 1. Médias e Desvios-Padrão das variáveis SPC, IL e BES

Variáveis		
	M	DP
Sentimento psicológico de comunidade (SPC)	3,91	0,57
Identidade de lugar (IL)	6,51	1,11
Satisfação com a vida em geral (IBEP)	7,03	1,56
Satisfação com o seu nível de vida (IBEP)	7,61	1,46
Satisfação com a sua saúde (IBEP)	8,68	1,67
Satisfação com o seu esforço para alcançar objetivos (IBEP)	7,71	1,77
Satisfação com as relações pessoais (IBEP)	7,88	1,68
Satisfação com a segurança no território de residência (IBEP)	8,32	2,20
Satisfação sentimento de pertença à comunidade (IBEP)	8,54	1,41
Satisfação com a segurança no seu futuro (IBEP)	7,13	2,24
Satisfação com a espiritualidade/religião (IBEP)	8,71	1,82
Felicidade Subjetiva (FS)	4,04	0,82

Notas: Escala de resposta para SPC: Mínimo 1; Máximo 5; Escala de resposta para IL: Mínimo 1; Máximo 9; Escala de resposta para IBEP: Mínimo 0; Máximo 10; Escala de resposta FS: Mínimo 1; Máximo 5

Foram ainda calculadas correlações entre as variáveis IL, SPC, e o território de residência dos participantes³, verificando-se que existe uma correlação positiva e significativa entre o SPC e a IL ($r = .58, p < 0,01$), e uma correlação negativa, significativa, entre o território e o SPC ($\rho = -0,71, p < 0,01$) e o território e a IL ($\rho = -0,66, p < 0,01$)

IL, SPC, Território e Bem-estar subjetivo

Tendo como objetivo compreender em que medida o SPC, a IL e o território onde os participantes residem contribuem para o bem-estar subjetivo dos mesmos, foram conduzidas nove regressões lineares múltiplas. Em cada uma das regressões entraram como variáveis independentes o SPC e a IL (variáveis contínuas) e o território onde os participantes residem (variável categorial: território A vs território B), usando em todas elas o método *Enter*. A variável dependente foi variando: bem-estar na sua componente cognitiva, introduzindo, separadamente, os domínios de satisfação: com a vida em geral, com a saúde, com o esforço realizado para alcançar os objetivos, com as relações pessoais, com a segurança no território de residência, com o sentimento de pertença à comunidade, com a segurança em relação ao futuro, e com a espiritualidade/religião; e bem-estar na sua componente afectiva (i.e., felicidade subjetiva). De seguida serão apresentados apenas os resultados encontrados com diferenças estatisticamente significativas⁴.

Os resultados indicam que o território onde os imigrantes de origem africana residem contribui para o bem-estar geral ($R^2 = 0,124, \beta = 0,55, p = 0,001$). Calculando um teste *t* para amostras independentes, verifica-se que é no território B (território situado no centro de Lisboa e fortemente caracterizado por uma grande heterogeneidade a nível sociocultural e a nível socioeconómico) que os residentes apresentam uma maior satisfação com a sua vida em geral, $t(98) = -2,84, p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 6,60, DP = 1,99; M_{\text{território B}} = 7,46, DP = 0,78$).

³Tendo em conta a natureza das variáveis, foram calculadas correlações de Pearson entre o SPC e IL, e correlações de Spearman entre o território de residência e as outras duas variáveis.

⁴ $P < 0,01$ ou $p < 0,05$

O território onde habitam, bem como a IL contribuem para a satisfação com a saúde ($R^2 = 0,103$), verificando-se que quanto maior a IL maior essa percepção de saúde ($\beta = 0,37$, $p = 0,005$). Ainda, e através do cálculo de um teste t para amostras independentes, verifica-se que é no território B que os imigrantes de origem africana parecem expressar uma maior satisfação com a sua saúde, $t(98) = -3,57$, $p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 8,62$, $DP = 2,06$; $M_{\text{território B}} = 8,74$, $DP = 1,19$).

O território onde habitam contribui, ainda, para a satisfação com a segurança no local de residência ($R^2 = 0,101$, $\beta = 0,28$, $p = 0,077$). Os resultados de um teste t para amostras independentes revelam que é, novamente, no território B que a satisfação com a segurança é mais significativa, $t(98) = -3,12$, $p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 7,66$, $DP = 2,78$; $M_{\text{território B}} = 8,98$, $DP = 1,07$).

O território onde habitam contribui, também, para a satisfação com as relações pessoais ($R^2 = 0,103$, $\beta = -0,28$, $p = 0,070$). Verifica-se também, através do cálculo de um teste t para amostras independentes, que é no território A (território muito homogêneo, quer a um nível sociocultural, quer a nível socioeconómico) que a satisfação com as relações pessoais é mais significativa, $t(98) = 3,23$, $p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 8,40$, $DP = 1,88$; $M_{\text{território B}} = 7,36$, $DP = 1,27$).

Todas as variáveis parecem explicar a satisfação com a pertença à comunidade ($R^2 = 0,551$), sendo que quanto maior o SPC ($\beta = 0,30$, $p = 0,002$) e a IL ($\beta = 0,17$, $p = 0,063$), maior é essa percepção de satisfação. Através do cálculo de um teste t para amostras independentes observa-se que é no território A que essa satisfação é mais expressiva, $t(98) = -9,56$, $p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 9,52$, $DP = 0,70$; $M_{\text{território B}} = 7,56$, $DP = 1,26$).

O território contribui, ainda, para explicar a satisfação com a espiritualidade/religião ($R^2 = 0,229$, $\beta = 0,35$, $p = 0,017$). Os resultados de um teste t para amostras independentes demonstram que é no território B que essa satisfação é mais expressiva, $t(98) = -5,23$, $p < 0,01$ ($M_{\text{território A}} = 7,86$, $DP = 2,10$; $M_{\text{território B}} = 9,56$, $DP = 0,90$).

Por último, no que diz respeito à felicidade subjetiva, podemos verificar que é apenas o SPC que explica esta variável, sendo que quanto maior o SPC maior a percepção de felicidade ($R^2 = 0,121$, $\beta = 0,46$, $p = 0,001$).

Capítulo IV. Discussão e Conclusões

A presente investigação teve como objetivo explorar de que forma o tipo de território no qual os imigrantes de origem africana residem, bem como a identidade de lugar e o sentimento psicológico de comunidade contribuem para o bem-estar subjetivo dos mesmos. Sabendo que o bem-estar subjetivo remete para a maneira como nos vemos a nós mesmos e aos outros, e que poderá ter implicações nas relações que se vão estabelecendo entre comunidades imigrantes e a sociedade de acolhimento, a presente investigação procura compreender a relação entre estas variáveis, de forma a contribuir para uma melhor integração social destas comunidades.

O território onde os imigrantes de origem africana residem, parece contribuir de forma significativa para o BES destes indivíduos, na satisfação com a vida em geral, e em diferentes domínios: na saúde, nas relações pessoais, na segurança no local de residência, no sentimento de pertença (apesar de este também ter uma relação significativa com a IL e o SPC) e na espiritualidade/religião. Estes dados vão ao encontro de estudos anteriores (Kaplan & Chacko, 2015).

Analisando de forma mais concreta, os resultados indicam que no domínio da satisfação com a saúde verifica-se uma maior satisfação nos residentes do território B (caracterizado por uma grande heterogeneidade a nível sociocultural e a nível socioeconómico) do que no território A (caracterizado por uma grande homogeneidade, quer a um nível sociocultural, quer a nível socioeconómico). De facto, estes últimos têm um acesso mais facilitado aos recursos disponíveis na área da saúde, tendo em conta que residem no centro da cidade, onde se encontram os principais serviços de saúde, desde hospitais a centros de saúde, o que poderá contribuir para essa diferença. Segundo Gesler (1999), a oferta de recursos é um fator crucial para o indivíduo que exerce um importante impacto na saúde e no bem-estar da população.

No domínio das relações pessoais é possível verificar que existe uma maior satisfação com as relações pessoais no território A do que no território B. Assim, podemos colocar como hipótese que um território com uma dimensão mais pequena poderá potenciar uma maior facilidade no desenvolvimento e na manutenção de relações pessoais, uma vez que as pessoas se encontram geograficamente mais próximas.

Ainda, em relação à satisfação com o sentimento de pertença, verificamos que o mesmo é maior no território A do que no território B. Importa relembrar que o território A tem uma menor dimensão, é mais homogéneo económica e culturalmente, o que permite que

seja um território mais coeso. Apesar de não ter sido medida a perceção de coesão, em cada um dos territórios aqui considerados, estes resultados vão ao encontro de pesquisas anteriores (e.g., Davidson & Cotter, 1991; Prezza & Constantini, 1998) que mostram que o SPC parece ser maior em territórios de menor dimensão e em territórios mais coesos.

Relativamente à satisfação com a segurança no local de residência, verifica-se que esta é mais forte no território B do que no território A. De facto, nos últimos anos houve uma vasta modificação urbanística no território B que procurou melhorar a segurança dos espaços públicos e dos seus residentes. Essa modificação pretendia, através da presença diária da polícia de segurança pública, mas também através da disponibilização de edifícios para a implementação de associações culturais, que este território ganhasse uma dinâmica própria que convidasse todos os residentes a movimentarem-se com a segurança no seu local de residência. Já no território A, a polícia de segurança pública não tem tanto um papel de prevenção da segurança mas sim na resolução de conflito, o que pode influenciar a perceção de segurança no território. Segundo Horta (2008), a relação entre a polícia e o território A não se prende tanto com o exercício da cidadania e respeito pelos direitos dos cidadãos, mas sim com uma narrativa de ocupação, onde os policiais ocupam e isolam o bairro.

No domínio da religião/espiritualidade, identifica-se uma maior satisfação no território B do que no território A. Neste sentido, é importante referir que a maioria dos cidadãos imigrantes residentes no território B pratica a religião muçulmana (informação obtida na recolha de dados). De facto, no centro da cidade de Lisboa, tem havido uma maior preocupação com os praticantes da religião muçulmana. Segundo Manuel Salgado, vereador do urbanismo da capital, “(...) prevê, ainda, uma mesquita que tem por objetivo servir a comunidade muçulmana”⁵. Assim, nas fronteiras do território B, será iniciada a construção de uma mesquita já em 2016, tendo o projeto sido aprovado em 2012. Isto poderá revelar uma maior preocupação em dar respostas adequadas às comunidades imigrantes que ali residem, que pelos resultados, parece ter um impacto importante na satisfação com a religião dos mesmos.

⁵informação disponível em www.dn.pt; deve ser retirado de <http://www.dn.pt/portugal/interior/camara-quer-nova-mesquita-na-mouraria-ate-2017-4850886.html>

No que diz respeito à felicidade subjetiva, podemos afirmar que a variável com maior impacto é o SPC. À luz da teoria do SPC, diferentes investigadores têm encontrado uma relação significativa desta variável com o BES (Davidson & Cotter, 1991 e Prezza & Constantini, 1998). Segundo Herrero, Fuente e Gracia (2011), a integração social dos imigrantes na comunidade tem um papel importante no bem-estar, que permite que os mesmos acedam às repostas da comunidade.

Este aspeto leva-nos a um dos elementos na definição do SPC de McMillan e Chavis (1986), nomeadamente, a integração e satisfação de necessidades, que nos fala que esta será conquistada através das respostas que o indivíduo recebe por pertencer ao grupo. Assim sendo, uma boa integração permite que os imigrantes possam ter um SPC relativamente ao local onde residem, o que lhes irá influenciar significativamente na sua felicidade subjetiva. Davidson e Cotter (1991) referem ainda que apesar de haver uma relação significativa entre o SPC e o BES, ela torna-se mais saliente na componente da felicidade subjetiva.

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas para trabalhos futuros.

Uma das limitações do presente estudo refere-se ao facto de não ter analisado o tempo de residência dos participantes no território, uma vez que o número de anos no mesmo território pode influenciar a IL (Speller, 2005) e o SPC (Brodsky, O'Campo, & Aronson 1999).

Outra das limitações remete para o facto de não ter sido estudada a influência da identidade étnica dos participantes (como variável moderadora) no BES. Essa relação tem sido estudada por alguns autores (Smith & Silva, 2011; Outen & Schmitt, 2014). Smith e Silva (2011) estudaram a relação entre os constructos de identidade étnica e bem-estar pessoal entre as pessoas de cor negra na América do Norte e concluíram que a identidade étnica neste tipo de população está, fortemente, relacionada com o bem-estar positivo. Segundo Outen e Schmitt (2014), que também estudaram essa relação mas em imigrantes asiáticos residentes no Canadá, verificaram que quanto maior a identificação com o grupo étnico, maior a satisfação com a vida pessoal, concluindo que essa identificação promove o bem-estar nas minorias étnicas. Assim, sugere-se que em futuras investigações, essa variável seja avaliada.

Considera-se, ainda, pertinente em estudos futuros, analisar quais os motivos que levaram o indivíduo a imigrar. Esses motivos podem exercer uma influência em certos domínios da satisfação da vida, como por exemplo, um indivíduo que imigre para Portugal com um Protocolo de Saúde, provavelmente, terá uma maior satisfação na área da saúde.

A presente investigação pretende trazer um contributo teórico, procurando analisar em que medida as variáveis IL, SPC e território onde os imigrantes residem, contribuem, simultaneamente, para o BES de imigrantes de origem africana residentes na área metropolitana de Lisboa.

Para além de contemplar estas diferentes variáveis, a presente investigação procurou contemplar uma conceptualização multidimensional do bem-estar subjectivo (dimensão cognitiva, dimensão afetiva, domínios específicos).

Os resultados aqui evidenciados sugerem a importância que os territórios têm no BES dos imigrantes, o que demonstra a influência que o tipo de comunidade pode exercer no indivíduo. Em termos práticos não será possível, num processo de integração local (ex., Planos Municipais de Integração de Imigrantes financiado pelo Alto Comissariado para as Migrações) encaminhar imigrantes recém-chegados para comunidades que consideremos como menos impactantes para o seu bem-estar, mas podemos sim trabalhar em conjunto, com técnicos de outras áreas profissionais, de forma a melhorar os territórios onde os mesmos residem mas também através de ações comunitárias que fomentam a IL e o SPC. Esta é já uma preocupação em alguns territórios que operam a nível nacional e Europeu. Por exemplo o URBACT⁶, que neste momento se encontra na sua terceira edição procura trabalhar soluções, numa rede de cidades europeias, que visem a sustentabilidade não só económica, mas também ambiental, de governança e de inclusão.

Conclui-se também que o presente estudo demonstra a sua pertinência, através de temas tão atuais como o estudo do impacto dos territórios. Esses assuntos também têm sido estudados na área da Geografia da Saúde, que pretende estudar o território, a saúde e o bem-estar como variáveis interligadas (ver Santana 2014).

Considera-se, ainda, que o conhecimento científico e aprofundado sobre as populações permite que os psicólogos comunitários possam exercer a sua função, de forma mais adequada, e com resultados efetivos no bem-estar, não só dos indivíduos mas também das próprias comunidades e, em última instância, da sociedade em geral.

⁶URBACT III; projeto financiado pela União Europeia 2014-2020

Segundo Hortas, Martins e Dias (2014), as populações imigrantes têm tido um papel importante no crescimento urbano, uma vez que a convivência entre esta população e as comunidades de acolhimento trazem novas dinâmicas que mobilizam populações e instituições. Neste âmbito, a Psicologia Comunitária reconhece as experiências, competências e recursos das diferentes pessoas e comunidades e integra essa diversidade na procura de soluções para os problemas locais (Ornelas, 2008). Finalmente, tendo em conta que, segundo Fonseca (2003), os imigrantes são coabitantes ativos de um lugar e coprodutores de uma cultura local, este tipo de estudos são importantes, uma vez que produzem informação, que pode ser utilizada no desenvolvimento de projetos mais sustentáveis nas cidades cada vez mais diversificadas culturalmente.

Referências Bibliográficas

- Amaro, J. (2007). Sentimento psicológico de comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica*, 20(1), 25-33.
- American Psychological Association (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-073.
- Amit, K., & Litwin, H. (2010). The subjective well-being of immigrants aged 50 and older in Israel. *Social Indicators Research*, 98, 89-104.
- Arason, E., Mills, J. (1959). The effect of severity of initiation on liking for a group. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, Vol. 59(2), 177-181.
- Ayala, L. (2015) De territorios, límites, bordes y fronteras: una conceptualización para abordar conflictos sociales. *Revista de Estudios Sociales*. No. 3, 175-179.
- Bernardo, C. F. M. (2011). *Place Identity or The Place of Identity: contribution to a theory of social identity of place*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Évora.
- Bernardo, F., & Palma, J. (2005). Place change and identity processes. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 6(1), 71-87.
- Beier, H., & Kroneberg, C. (2013). Language boundaries and the subjective well-being of immigrants in Europe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 69(10), 1535-1553.
- Bonaiuto, M., Aiello, A., Perugini, M., Boones, M., & Ercolani, A. P. (1999). Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 331-352.
- Brodsky, A., O'Campo, P., & Aronson, R. (1999). PSCO in community context: Multi-level correlates of a measure of psychological sense of community in low-income, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology*, 27, 659-679.
- Brodsky, A., & Marx, C. (2001). Layers of identity: Multiple psychological senses of community within a community setting. *Journal of Community Psychology*, 29(2), 161-178.
- Buss, A., & Portnoy, N. (1967). Pain Tolerance and Group Identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol.6(1), 106-108.
- Carvalho, R. (2014). Lentidão, Território e Bem-Estar: O movimento da Cidade Lenta e a Sustentabilidade do Lugar. *Cidades Verdes*, Vol. 2, 73-89.
- Censos 2011 em,
http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao
- Cuba, L., & Hummon, D. (1993). A Place to call home: Identification with dwelling, community, and region. *The Sociological Quarterly*, 34(1), 111-131.
- Cummins, R. The Domains of Life Satisfaction: Na Attempt to Order Chaos. *Social Indicators Research*, Vol. 38 (3), 303-328.
- Cummins, R., Eckersley, R., Pallant, J., Vugt, J., Misajon, R. (2003). Developing a National Index of Subjective Wellbeing: The Australia Unity Wellbeing Index. *Social Indicators Research*, Vol. 64 (2), 159-190
- Cresswell, Tim. 2004. *Place: A Short Introduction*. Malden , Massachusetts/Oxford , U.K. : Blackwell Publishers.

- Dalton, J., Elias, M., & Wandersman, A. (2007). *Community psychology: Linking individuals and communities* (2nd ed.). Belmont: Thomson Wadsworth.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: A first look. *Journal of Community Psychology*, 19, 246-253.
- Dias, P., Machado, R., & Bento, A. R. (2014). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo – 2013*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Dias, P., Machado, R., & Ferreira, A. P. (2015). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2014*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H. (1999). Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. *Psychological Bulletin*, Vol. 125, No. 2, 276-302.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55 (1), 34-43.
- Duncan, C., Jones, K., Moon, G. (1998). Context, Composition and Heterogeneity: Using Multilevel Models in Health Research. *Soc. Sci. Med.* Vol. 46, No. 1, pp. 97-117
- Dixon, J., Tredoux, C., Durheim, K., Finchilescu, G., & Clack, B. (2008). The Inner Citadels of the Color Line: Mapping the Micro-Ecology of Racial Segregation in Everyday Life Space. *Social and Personality Compass*, 2/4, 1547-1569
- Eyles, J. & Williams, A. (2008). Sense of Place, Health and Quality of Life.
- Fonseca, M. (2003). “Integração dos Imigrantes: Estratégias e Protagonistas”. Conferência efetuada no “I Congresso Imigração em Portugal – Diversidade, Cidadania e Integração. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fried, M. (1963). Grieving for a lost home. In L. Duhl (ed.) *The Urban Condition*. New York: Basic Books.
- Galinha, Iolanda C. C. 2008. *Bem-Estar Subjectivo: Factores cognitivos, afectivos e contextuais*. Ed.1. Coimbra: Quarteto Editora.
- Galinha, I., & Pais Ribeiro, J. L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6(2), 203-214.
- Gesler, M. (1999). Words in wards: language, health and place. *Health & Place*, Vol. 5, 13-25.
- Giacomni, C. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 43-50.
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, & M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological theories for environmental issues*, 137–170. Aldershot: Ashgate.
- Hay, R. (1998). Sense of Place in Developmental Context. *Journal of Environmental Psychology*. Vol. 18, 1, 5-29

- Hallak, R., Brown, G., & Lindsay, N. (2012). The place identity – Performance relationship among tourism entrepreneurs: A structural equation modelling analysis. *Tourism Management, 33*, 143-154.
- Harner, J. (2010). Place Identity and Copper Mining in Sonora, Mexico. *Annals of the Association of American Geographers, 91*, 660-680.
- Hernández, B., Hidalgo, M. C., Salazar-Laplace, M. E., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and no-natives. *Journal of Environmental Psychology, 27*, 310-319.
- Hernández, B., Martín, A., Ruiz, C., & Hidalgo, M. C. (2010). The role of place identity and place attachment in breaking environmental protection laws. *Journal of Environmental Psychology, 30*, 281-288.
- Herrero, J., Fuente, A., & Gracia, E. (2011). Covariates of subjective well-being among latin american immigrants in Spain: The role of social integration in the community. *Journal of Community Psychology, 39*(7), 761-775.
- Hidalgo, M. C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology, Vol. 21, 3*, 273-281
- Hill, J. (1996). Psychological Sense of Community: Suggestions for Future Research. *Journal of Community Psychology, 24*(4), 431-438.
- Hopkins, N. Dixon, J. (2006). Space, place, and identity: Issues for political psychology. *Political Psychology, 27*(2), 173-185
- Horta, A. (2008). “Que Cidadania? Etnicidade, Identidades Locais e Agenciamento na Periferia de Lisboa”, comunicação apresentada no VI Congresso Português de Sociologia, realizado no âmbito das Migrações, Etnicidade e Racismo, Universidade de Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Hortas, M., Martins, C., Dias, A. (2014). Escola, Comunidade e Território: Dinâmicas Educativas Locais na Integração de Populações Imigrantes na Área Metropolitana de Lisboa. *Interações*, No, 29, 8-36.
- Hovey, J. D., & Magan, C. G. (2002). Psychosocial predictors of anxiety among immigrant Mexican migrant farm workers: Implications for prevention and treatment. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology, 8*, 274–289.
- Jariego, I. (2004). *Sentido de comunidade y potenciación comunitária. Apuntes de Psicología, 22*(2), 187-211.
- Kenyon, D., & Carter, J. (2011). Ethnic identity, sense of community, and psychological well-being among northern plains American Indian youth. *Journal of Community Psychological, 39*(1), 1-9.
- Kaplan, D., & Recoquillon, C. (2014). Ethnic place identity within a parisian neighborhood. *Geographical Review, 104*, 33-51.
- Kaplan, D., & Chacko, E. (2015). Placing immigrant identities. *Journal of Cultural Geography, 32*(1), 129-138.
- Kelley, H. H., & Volkart, E. H. (1952). The resistance to change of group-anchored attitudes. *American Sociological Review, 1*, 433-465.

- Kelley, H.H., & Woodruff, C. L. (1956). Members' reactions to apparent group approval of a counternorm communication. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 52, 67-74.
- Kirkwood, S., Mckinlay, A., Mcvittie, C. (2013). The Mutually Constitutive Relationship between Place and Identity: The Role of Place-Identity in Discourse on Asylum Seekers and Refugees. *Journal of Communit & Applied Social Psychology*, 23, 453-465
- Kus, L., Ward, C., Liu, J. (2014). Interethnic Factors as Predictors of the Subjective Well-Being of Minority Individuals in a Context of Recent Societal Changes. *Political Psychology*, 35(5), 703-719.
- Lalli, M. (1992). Urban-related identity: Theory, measurement, and empirical findings. *Journal of Environmental Psychology*, 12, 285-303.
- Lengen, C., & Kistemann, T. (2012). Sense of place and place identity: Review of neuroscientific evidence. *Health & Place* 18 (5), 1162-1171
- Leong, F., Park, Y., & Kalibatseva, Z. (2013). Disentangling immigrant status in mental health: Psychological protective and risk factors among Latino and Asian American immigrants. *American Journal of Orthopsychiatry*, 83, 361-371.
- Lewicka, M. (2008). Place Attachment, place identity, and place memory: Restoring the forgotten city past. *Journal of Environmental Psychology*, 28, 209-231.
- Lyubomirsky, S. (2001). Why are some people happier than others?: The role of cognitive and motivational processes in well-being. *American Psychologist*, 56, 239-249.
- Lyubomirsky, S., Lepper, H. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, 46, 137-155.
- Machado, F. (1997). Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 24, 9-44.
- Mannarini, T., & Fedi, A. (2009). Multiple sense of community: The experience and meaning of community. *Journal of Community Psychology*, 37(2), 211-227.
- Malheiros, J., Esteves, A., Rodrigues, F., Estevão, M., Mapril, J., & Afonso, C. (2013) *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: Desafios e Potencialidades*. Lisboa: ACIDI.
- Malheiros, J., Carvalho, R., & Mendes, L. (2012). Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 97-128
- Malheiros, J., Mendes M., Barbosa C., Silva S., Schiltz A., & Vala, F. (2007). *Espaços e expressões de conflitos e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa*. Lisboa: ACIME.
- McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of Community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Mendes, L. (2008). Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto*, 2(2), 57-82.

- Milligan, M. J. (1998). Interactional past and potential: The social construction of place attachment. *Symbolic Interaction*, 21(1), 1-33.
- Miranda, A.; Barcellos, C.; Moreira, J.; Monken, M. (2008). *Território, ambiente e saúde*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz.
- Monteiro, C., Dias, C., Corte-Real, N., & Fonseca, A. (2014). Atividade física, bem-estar subjetivo e felicidade: Um estudo com idosos. *RPCD*, 14(1), 57-76.
- Moser, G.; Ratiu, E.; Fleury-Bahi, G. (2002). Appropriation and Interpersonal Relationships from Dwelling to City through the Neighborhood. *Environment & Behavior*. Vol.34, no.1, 122-136.
- Neto, F. (2001). Satisfaction with life among adolescents from immigrant families in Portugal. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(1), 53-67.
- Nikolova, M., & Graham, C. (2015). In transit: The well-being of migrants from transition and post-transition countries. *Journal of Economic Behavior & Organization* 112, 164-186.
- Oliveira, C. & Gomes, N. (2014). Monitorizar a Integração de Imigrantes em Portugal: relatório estatístico decenal. *Imigração em Números, I*.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. *DR 2ª série, 78*, 17931 – 17936.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Outten, H., & Schmitt, M. (2014). The More “Intergroup” the merrier? The Relationship Between Ethnic Identification, Coping Options, and Life Satisfaction Among South Asian Canadians. *Canadian Journal of Behavioural Science*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0035907>
- Pais-Ribeiro, J. L. (2012). Validação transcultural da escala de felicidade subjectiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(2), 157-168.
- Pais Ribeiro, J., & Cummins, R. (2008) O bem-estar pessoal: estudo de validação da versão portuguesa da escala. In: I.Leal, J.Pais-Ribeiro, I. Silva & S.Marques (Edts.). *Actas do 7º congresso nacional de psicologia da saúde* (pp. 505-508). Lisboa: ISPA
- Paasi, Anssi. 2003. Territory. En *A Companion to Political Geography*, eds. John Agnew, Katharyne Mitchell y Gerard Toal. Oxford: Blackwell, 109-120.
- Passareli, P., & Silva, J. (2007). Psicologia Positiva e Bem-estar Subjetivo. *Estudos de Psicologia*, Vol. 24 (4), 513-517.
- Pavot W., & Diener E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychol Assess*, 5(2), 164-172.
- Peixoto, J. (2008). Demografia da população imigrante em Portugal. *Portugal: percursos de interculturalidade*. Lisboa, Vol. II, 7-47
- Peterson, J. A., & Martens, R. (1972). Success and residential affiliation as determinants of team cohesiveness. *Research Quarterly*, 43, 63-76.
- Peterson, N., Speer, P., & McMillan, D. (2007). Validation of A brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, Vol. 36(1), 61-73
- Pires, R. P. (2003). *Migrações e integração: Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.

- Phinney, J., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic identity, immigration, and well-being: An interactional perspective. *Journal of Social Issues*, 57(3), 493-510.
- PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo (2015). População estrangeira com estatuto legal de residente em % da população residente: total e por sexo - Municípios. Retirado de <http://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+em+percentagem+da+popula%C3%A7%C3%A3o+residente+total+e+por+sexo-363>
- PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo (2015). População estrangeira com estatuto legal de residente: total e por algumas nacionalidades - Portugal. Retirado de <http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24>
- Pretty, G., Andrewes, L., & Collett, C. (1994). Exploring Adolescents' Sense of Community and Its Relationship to Loneliness. *Journal of Community Psychology*, Vol. 22 (4), 346-358.
- Pretty, G, Conroy, C., Dugay, J., Fowler, K., Williams, D. (1996). Sense of Community and Its Relevance to Adolescents of All Ages. *Journal of Community Psychology*, Vol. 24 (4), 365-379.
- Pretty, G; Bishop, B.; Fisher, A.; Sonn, C. (2006). *Psychological sense of community and its relevance to well-being and everyday life in Australia*. The Australian Psychological Society.
- Prezza, M., & Constantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 181-194.
- Prezza M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi, G. (2001). Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction, and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29, 29-52.
- Prilleltensky, I. (2008), "Migrant well-Being is a multilevel, dynamic, and value dependent phenomenon". *American Journal of Community Psychology*, 42, 359-364.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*. Vol. 3, 57-83
- Ramos-Vidal, I., & Maya-Jariego, I. (2014). Sentido de comunidade, empoderamiento psicológico y participación ciudadana en trabajadores de organizaciones culturales. *Psychosocial Intervention*, 23, 169-176.
- Relatório de Execução Final II PII 2010-2013, ACM. Disponível em <http://www.acm.gov.pt/>
- Rodrigues, D., Correia, T., Pinto, I., Pinto, R., & Cruz, C. (2013). Um Portugal de imigrantes: Exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração. *Da Investigação às práticas*, 4 (1), 86-109.
- Rollero, C. & Piccoli, N. (2010). Does place attachment affect social well-being?. *European Review of Applied Psychology*. Vol. 60, 4, 233-238.
- Rosenbaum, M., & Montoya, D. (2006). Am I welcome here? Exploring how ethnic consumers assess their place identity. *Journal of Business Research*, 60, 206-214.

- Rosa, M., Seabra, H., & Santos, T. (2003). *Contributos dos “imigrantes” na Demografia Portuguesa. O papel das populações de nacionalidade estrangeira*. Lisboa: ACIME.
- Santana, P. (2014). *Introdução à Geografia da Saúde – Território, Saúde e Bem-estar*. Imprensa da Universidade de Coimbra
- Santana, P, Costa, C., Santos, R., & Loureiro, A. (2010). O papel dos Espaços Verdes Urbanos no bem-estar e saúde das populações. *Revista de Estudos Demográficos*, Vol. 48, 1, 5-34.
- Sarason, S. B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Schaafsma, J. (2011). Discrimination and subjective well-being: The moderating roles of identification with the heritage group and the host majority group. *European Journal of Social Psychology*, 41, 786-795.
- Sime, J. D. (1986). Creating places or designing spaces?. *Journal of Environmental Psychology*, 64 (4), 49-63.
- Sirgy, M. (2002). *The Psychology of Quality Life*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Smith, T., & Silva, L. (2011). Ethnic identity and personal well-being of people of color: A meta-analysis. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 58(1), 42-60.
- Steg, L., Berg, A., & Groot, J. (2013). *Environmental psychological: An introduction*. UK. BPS BLACKWELL.
- Slonim-Nevo, V., Sharaga, Y., Mirsky, J., Petrovsky, V., & Borodenko, M. (2006). Ethnicity versus migration: Two hypotheses about the psychosocial adjustment of immigrant adolescents. *International Journal of Social Psychiatry*, 52, 41–53.
- Speller, G.M. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In L. Soczka (Ed.). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 133-168.
- Tartaglia, S. (2006). A preliminary study for a new model of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 34(1), 25-35.
- Twigger-Ross, C., & Uzzell, L. (1996). Place and identity processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- Ujang, N., Moulay, A., & Zakariya, K. (2015). Sense of Well-Being Indicators: Attachment to public parks in Putrajaya, Malaysia. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, Vol. 202, 487-494.
- Ujang, N. & Zakariya, K. (2014). Place Attachment and the Value of Place in the Life of the Users. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*. Vol. 168, 9, 373-380.
- Uzzell, D., Pol, E., & Badenas, D. (2002). Place Identification, Social Cohesion, and Environmental Sustainability. *Environment and Behavior*, Vol.34, no.1, 26-53.
- Uzzell, D., & Moser, G.(2006). Environment and quality of life. *Revue européenne de psychologie appliquée*, (56), 1-4.
- Veenhoven, R. (1997). Advances in Understanding Happiness. *Revue Québécoise de Psychologie*, Vo. 18, 29-74.

- Vidal, T., Berroeta, H., Masso, A., Valera, S., & Peró, M. (2013). Apego al lugar, identidad de lugar, sentido de comunidad y participación en un contexto de renovación urbana. *Estudios de Psicología*, 34 (3), 275-286.
- Weinstein, N. (1980). Unrealistic Optimism About Future Life Events. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 39, No. 5, 806-820.
- Werkuyten, M., & Nekuee, S. (1998). Subjective well-being, discrimination and cultural conflict: Iranians living in the Netherlands. *Social Indicators Research*, 47, 281-306.
- Zander, A., & Cohen, A. R. (1955). Attributed social power and group acceptance: A classroom experimental demonstration. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 51, 490-492.

Anexo A

Anexo A



Instituto Universitário de Lisboa

Termo de Consentimento Informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores no ISCTE –IUL, Instituto Universitário de Lisboa, estamos a desenvolver um estudo intitulado Este é o meu lugar – Bem-Estar Subjetivo dos Imigrantes de Origem Africana.

Neste sentido, solicitamos a sua colaboração para responder a este questionário, com uma duração de aproximadamente 20 minutos. É importante referir que não existem respostas **certas ou erradas**, o que interessa é o que realmente pensa e sente. Os dados recolhidos têm um interesse estritamente científico. Garantimos-lhe total confidencialidade relativamente à informação recolhida.

Se pretender algum esclarecimento adicional, por favor contacte a investigadora Mónica Leite Correia, através do email monicaleitecorreia@hotmail.com.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação acerca do estudo, declaro que aceito participar nesta investigação.

__/__/2015

Aceito particip

Não aceito participar

Obrigada pela sua colaboração!

Dados sociodemográficos

1. **Idade:** _____
2. **Sexo:** Feminino Masculino
3. **Nacionalidade:** _____
4. **País de origem (ou onde nasceu):** _____
5. **Se não nasceu em Portugal, há quantos anos se encontra em Portugal:** _____
6. **Estado civil:** Solteiro Casado União de Facto
Divorciado/Separado Viúvo
7. **O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?** _____
8. **Qual a sua situação profissional?**
- Empregado: Tempo inteiro Tempo parcial
- Desempregado
- Doméstica
- Estudante
9. **Qual a sua escolaridade?** _____
10. **Em que bairro e freguesia reside?** _____
- 10.1. **Sempre residiu no bairro onde vive atualmente?** Sim Não
- 10.2. **Trabalha/estuda onde reside?** Sim Não

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense por favor na comunidade onde vive atualmente. Para cada afirmação apresentada em baixo, assinale com um X o grau de concordância com a forma como descreve a sua relação com a sua comunidade local.

Discordo fortemente 1	Discordo 2	Não concordo nem discordo 3	Concordo 4	Concordo fortemente 5
--------------------------	---------------	--------------------------------	---------------	--------------------------

	1	2	3	4	5
1.Consigo obter o que necessito desta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.Sinto-me como membro desta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.Eu pertenço a esta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.Se quiser posso colaborar com o que se passa nesta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.Sinto-me ligado(a) a este bairro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.Tenho bons laços com outras pessoas nesta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida concorda com as seguintes afirmações? (1 significa “nada” e 9 significa “muito”)

1. Em que medida acha que tem características similares aos residentes deste lugar.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

2. Em que medida acha que os residentes do seu lugar podem ser considerados um grupo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

3. Em que medida os residentes deste lugar interagem entre si.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

4. Em que medida os residentes deste lugar se conhecem.

1 2 3 4 5 6 7 8 9

5. Em que medida é que acha que é diferente dos residentes que vivem no território A? /ou que vivem no território B?

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Para cada uma das questões e/ou afirmações seguintes, por favor assinale na escala, entre 1 e 5, a que parece que melhor o/a descreve:

1. Em geral, considero-me:

1	2	3	4	5
Uma pessoa que não é muito feliz				Uma pessoa muito feliz

2. Comparativamente com as outras pessoas como eu, considero-me:

1	2	3	4	5
Menos feliz				Mais feliz

3. Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Elas gozam a vida apesar do que se passa à volta delas, conseguindo o melhor do que está disponível. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Em grande parte

4. Algumas pessoas geralmente não são muito felizes. Embora não estejam deprimidas, elas nunca parecem tão felizes quanto poderiam ser. Em que medida esta caracterização o/a descreve a si?

1	2	3	4	5
De modo nenhum				Em grande parte

As perguntas seguintes questionam, numa escala de “0” a “10”, o seu grau de satisfação. “0” significa que se sente totalmente insatisfeito: 10 significa que se sente totalmente satisfeito. No meio da escala está o 5 que significa neutro (nem satisfeito nem insatisfeito).

PARTE 1

1. Pensando acerca da sua vida pessoal e das suas condições, qual o seu grau de satisfação **com a sua vida em geral?**

Totalmente Insatisfeito	Neutro								Totalmente Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE 2

1. Qual o grau de satisfação **com o seu nível de vida?**

Totalmente Insatisfeito	Neutro								Totalmente Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Qual o grau de satisfação **com a sua saúde?**

Totalmente Insatisfeito	Neutro								Totalmente Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Qual o grau de satisfação **com o que está a conseguir obter da vida com o seu esforço?**

Totalmente Insatisfeito	Neutro								Totalmente Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Qual o grau de satisfação **com as suas relações pessoais?**

Totalmente Insatisfeito		Neutro						Totalmente Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. Qual o grau de satisfação **com a sua segurança (quando se desloca pelas ruas)?**

Totalmente Insatisfeito		Neutro						Totalmente Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. Qual o grau de satisfação **com o sentimento de pertença à sua comunidade (ao grupo de pertença de que faz parte)?**

Totalmente Insatisfeito		Neutro						Totalmente Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Qual o grau de satisfação **com a segurança do seu futuro?**

Totalmente Insatisfeito		Neutro						Totalmente Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Qual o grau de satisfação **com a sua espiritualidade/religião?**

Totalmente Insatisfeito		Neutro						Totalmente Satisfeito	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>